

EDITORIAL

Reunindo o presente número, em sua maior partê, reflexões sobre a oração cristã, feitas por professores da Faculdade de Teologia Cristo Rei num encontro de espiritualidade, desejamos tecer umas breves considerações sobre a Teologia da oração e sobre as principais dificuldades que se movem hoje contra a oração (1).

Somos cristãos, quer dizer, existências cristãs, enquanto assumimos não só pessoal, mas também comunitariamente, e não só comunitária, mas também pessoalmente, uma existencial, pessoal e radical oração religiosa e oração de fé. E no entanto, deixamos de ser cristãos, quer dizer existências cristãs, enquanto deixamos de assumir pessoal e comunitariamente uma radical oração de fé. Teologicamente falando, pode-se dizer que a meditação cristã é uma forma específica de acolher a palavra de Deus e que a oração cristã é a aceitação pessoal de Deus na nossa vida e na nossa situação, formulando tal aceitação com toda a pluralidade de nossa existência: com as idéias de nossa mente, com a decisão de nossa liberdade, com a opção de nossa

(1) Estas considerações já as publicamos em nosso livro: *Existência e Evangelho*, Edições Loyola, S. Paulo, 1973, pp. 167-170.

vontade, e com os ecos de nossos sentimentos, com a marginal excitação de nossa imaginação, com a adequação expressiva de nosso gesto. Portanto, aparece evidente como a oração é simultaneamente comunitária e pessoal, de tal modo que só tem sentido uma oração comunitária na medida em que for assumida pessoalmente, e só tem sentido uma oração pessoal na medida em que for feita em dimensão eclesial. Porque a graça de Deus e sua palavra são dadas também a toda comunidade. Consideremos agora, brevemente, as diferentes dimensões da oração cristã: seu caráter teocêntrico e cristocêntrico, antropológico e escatológico, sobrenatural e eclesial.

A oração cristã supõe a aceitação de Deus enquanto Deus revelado em Cristo, com a nossa súplica pela nossa inserção pessoal na história da salvação. Supõe, também, naturalmente, a aceitação do plano de salvação de Deus na história de seu amor manifestado em Cristo, acolhendo-o. Por isso, toda oração é feita sempre, ao menos virtual, implícita e anonimamente, em nome do salvador, Cristo. A oração tem sempre um caráter sobrenatural enquanto é questão da graça de Deus livre e da recepção de seu amor e de sua vontade salvífica em Cristo (Ef 3, 21). Como lembra o Novo Testamento, nossa oração de súplica só escatologicamente será plenamente escutada — (Mt 7, 7—11; Jo 16, 23—24; 15, 7—16). Toda oração enquanto ato de graça é também obra “boa” e legitimamente meritória. Finalmente, sendo a oração, um ato do Espírito em nós (Gal 4, 4—6; Rom 8, 14—17) e um ato de graça, só pode ser feito em Cristo

e na Igreja. Por isso, a dimensão eclesial está sempre presente, mesmo que ela se torne mais expressiva e evidente na oração pelo perdão dos próprios pecados e pela própria justificação e salvação, quando se exprime a realidade carismática, que chamamos "comunhão dos santos".

À oração se fazem hoje quatro objeções fundamentais. Primeiramente, a oração é posta como alternativa superada pela "contestação", no sentido de considerar o nosso tempo como uma época de contestação e não de oração. Em segundo lugar, a oração é vista como uma atitude religiosa superada na nossa era secular, enquanto seria expressão de uma atitude mágica. Hoje, porém, seria o tempo da solidariedade secular e não da oração popular. Em terceiro lugar, a oração é vista como criticada pelo mesmo Novo Testamento. A oração seria só possível no Antigo Testamento. Dado que Deus se fez homem, resta-nos caminhar na dimensão horizontal da encarnação. Hoje seria, pois, um tempo de encarnação e não de oração. Finalmente, a oração é vista como luxo aristocrático e anacrônico no tempo da revolução técnica e da revolução socialística. Hoje seria um tempo de socialização e não de oração. Por isso a nossa época, caracterizada pela contestação da juventude, pela secularização da cultura, pela encarnação cristã na história e pela socialização e participação comunitária no bem-estar e no progresso humano, não mais teria condições de possibilidade para enfrentar pessoalmente o encontro com Deus. Mas reconheçamos francamente as implicações desta afirmação: se nosso tempo carece realmente de

condições de possibilidade para acolher conscientemente na oração o amor de Deus, carece também de condição de possibilidade para ser cristão.

Mas examinemos brevemente as precedentes antinomias. Pode-se afirmar que a contestação e oração são realidades antitéticas? Ou haverá que afirmar, pelo contrário, que uma contestação só será autêntica, evangélica, transformadora, e deixará de ser fruto de frustração, na medida em que estiver cheia de amor? Não deveremos então afirmar que a oração, enquanto lugar privilegiado de recepção do amor de Deus, é a condição "sine qua non" de uma contestação evangélica autêntica, que ultrapasse o nível da moda e chegue a ser realmente apelo à conversão e à mudança profunda? Só na oração a contestação pode ser elevada à categoria de realidade carismática e eclesial e só na oração pode ser exorcizada dos demônios do protagonismo e do esnobismo.

Acrescentemos que a oração cristã é o caminho para a aceitação pessoal das exatas dimensões do homem e é essencialmente antimágica, porque a oração cristã, como a de Jesus, aceita o indecifrável amor de Deus, seu poder e liberdade, que de modo nenhum podem ser instrumentalizados pelo homem. Por isso a legítima secularidade não pode entrar em conflito com a oração. Pelo contrário, pode-se afirmar que o homem se libera da magia e da idolatria, na medida em que entra em contato com Deus Vivo; e na medida em que se esquece de orar, submete-se aos ídolos, novos e eternos, da concupiscência do sexo, do orgulho e do sadismo.

Nem deixa de ser um trágico paradoxo a consideração da encarnação do Filho como "Óbice" insalvável para o encontro com Deus, quando, segundo o Novo Testamento, constitui justamente a condição de possibilidade de encontro pessoal com o mistério transcendente que chamamos de Deus.

Nem deixa de ser lamentável que nós que somos chamados a um cristianismo explícito, nos contentemos com um cristianismo vago e implícito, o qual é, da nossa parte, uma deserção.

Finalmente, se a sociedade de amanhã há de ter uma alma e uma alma Cristã, fazendo o mundo mais igual, livre e fraterno, com níveis aceitáveis de participação e socialização, que superem as atuais injustiças, só poderá acontecer tal mudança se o mundo receber um suplemento de alma de parte de personalidades definidas nas suas opções de humanismo e de fé. O mundo do futuro, que surgirá da presente contestação e dos legítimos impulsos de socialização, secularização e encarnação cristã na história, precisa de grandes personalidades religiosas, que não sejam meramente homens de papel e cristãos no papel. Não nos enganemos, nós só seremos homens nos quais possa se apoiar a Igreja, se nós mesmos nos apoiarmos em Deus, no Espírito, em Cristo, quer dizer, se formos homens de oração pessoal e comunitária. Tal oração é a última condição de possibilidade de uma existência cristã num tempo como o nosso.

Felix A. Pastor S. J.